

» Entrevista | **JAIR BOLSONARO**

“Acho que está decidida a eleição”

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

**Como avalia o reinado da rainha Elizabeth II? Vai ao funeral, ou o governo mandará representante?**

Decretamos três dias de luto oficial. A rainha Elizabeth é uma pessoa fantástica, sempre transmitindo alegria, seriedade e patriotismo. Uma família que teve seus problemas, como toda família tem, e ela sempre foi uma âncora nessas questões. O protocolo, ainda não sabemos. De acordo com o protocolo, a gente decide o que fazer. Eu, particularmente, estamos em campanha, andando pelo Brasil. Vamos analisar se é o caso de ir, ou não. Seriam dois dias da nossa agenda. Mas, caso não seja possível, mandaremos uma comitiva. No momento, a gente pede a Deus que conforte os seus familiares. Nossas condolências a todo o povo, não só da Inglaterra, como do Reino Unido todo.

O senhor busca o eleitorado feminino. Como está esse tema na sua campanha? No discurso no 7 de Setembro, o senhor comparou a primeira-dama com a esposa do ex-presidente Lula e fez aquele coro de “imbrotável”. Como explica aquilo?

Primeira coisa: não falei o nome da Janja (Rosângela da Silva). Falei primeiras-damas. Compare com as outras primeiras-damas. Temos 27 primeiras-damas nos estados pelo Brasil e temos 5.700 em municípios. Não conheço as outras. Vou falar que a Michelle é melhor que todas elas. Faça, são comparações. Com as primeiras-damas outras, né? A que foi a do Lula, a que foi a do Fernando Henrique, é comparar. Nada mais além disso daí. O trabalho que a Michelle faz é de conhecimento de todos. Ninguém vai aprender libras a não ser que seja algo que realmente saia do coração dela. Ela não ganha nada com isso. Os gastos dela, inclusive, vêm do meu salário de presidente da República e metade de capitão do Exército. Não recebo a aposentadoria da Câmara porque não pedi, para exatamente não me criticarem. Assim como meu gasto com o cartão corporativo pessoal é zero. Nunca gastei um centavo no cartão corporativo. Posso sacar até 25 mil por mês e fazer o que bem entender com essa grana. Dou o exemplo para o lado de cá. Ali, o apresentador é um cara conduzindo, animando. Ele é um conhecido locutor de rodeios, cuiabano, gosto muito dele. Em dado momento, ele falou da minha resiliência, da minha tenacidade e falou que eu era imbrochável. Aí, começou o pessoal a gritar. Virou meme.

Seus adversários disseram que era uma vergonha para o Brasil, aquilo na data da Independência. Que o senhor nem citou a palavra bicentenário quando estava lá.

O que eles se incomodaram não foi com isso. Falei no meu discurso: de vez em quando, falo palavrão, sim, mas não sou ladrão. Aí, bateu na moleira dos nossos adversários por aí. Essa bronca é deles. A questão do imbrochável é sinal de que eu vou ficar resistindo sempre. Não adianta me atacar.

Eles atacam o senhor, também, com a questão dos imóveis, a rachadinha.

Pegaram, reviraram a vida — a minha, o tempo todo —, agora, de irmãos, cunhados, ex-cunhados e minha mãe, que já morreu. Entre 11 ali, tinha cento e poucos imóveis. E na escritura estava escrito “moeda corrente”. Pega qualquer pessoa do cartório, é praxe isso aí, que tenha moeda corrente. É dinheiro vivo, é cheque, é DOC, qualquer coisa. Não é dólar. O que acontece: vamos arredondar aqui os números, passar para 10 parentes em vez de 11. Podia ter pego o Renan, mas não tem imóvel nenhum, não entrou na conta lá. Valores atualizados. Desde 1990. Pegaram a vida de irmãos, eu tenho duas ex-mulheres. Tem aí um ex-cunhado, e minha irmã que se separou há 18 anos, 15 anos, desse cara, que é muito bem-sucedido. Ele tem mais de uma dezena

de casas de comércio de móveis há 30 anos. Daí aquilo tudo. É o dinheiro que seria meu, via propina, para eles. Dando a entender que eu alimento esses caras.

As denúncias são frágeis?

Você ficou dentro do Parlamento enquanto eu estive lá. Me aponte um cargo meu, federal, que eu tive em governos anteriores, Collor, FHC, Lula, Dilma ou Temer. Nunca tive um cargo sequer de ministro, de secretário, que pudesse dar margem. Agora, essas pessoas têm suas vidas. O que é triste é você ver irmãos meus, com a minha idade, agora na rua, o pessoal olha: “Opa, é teu irmão que está dando dinheiro de propina para você?”. Qual responsabilidade tem essa mídia? Fui investigado em 2015. E o PGR (procurador-geral da República) na época, o (Rodrigo) Janot, escreveu no parecer que não existia, nos dois imóveis meus na Barra da Tijuca, mínimos indícios para começar uma investigação. Ponto final. Não tenho nada de irregular. Agora, venham para cima de mim. Foram para cima da minha mãe, que já morreu.

Foram para cima dos seus filhos também com a questão das rachadinhas.

O Flávio, por exemplo, tem 12 imóveis que ele comprou na planta. Você sabe o preço da planta? De salas comerciais? Lá embaixo. Poucos meses depois, vendeu. Tive um imóvel, que eu comprei em 90 ou 91, vendi para o meu irmão, ao longo de 32 anos, e, depois, ele revendeu para mim. Foram mais três imóveis. O Lula está usando isso em campanha. Oh, Lula, quer comparar a minha família com a tua? A tua são de dezenas de milhões de reais. Ficaram ricos de uma hora para a outra, e tem muita coisa que se fala da família que eu não vou reverberar aqui porque eu não tenho prova, mas seus filhos vivem muito bem. Inclusive, usufruindo de benesses de estatais. Quer comparar com a minha família? Nós trabalhamos. Quando falam do Flávio ter uma mansão em Brasília, 60% é financiado no BRB. O Eduardo é a mesma coisa. Não se leva isso em conta. Esse ex-cunhado meu, há muito tempo não falo com ele. Está há 15, 18 anos separado da minha irmã. Quer me colocar num nível igual ao do Lula? Ó, Lula, reveja a delação do Palocci, em que ele termina dizendo que arranjou para você, Lula, uma conta de R\$ 300 milhões, R\$ 200 milhões para a Dilma. Veja isso.

E a rachadinha no Rio?

O que tenho a ver com rachadinha? Nada contra mim, porque vai em cima do meu filho. Ele foi, há quatro anos, triturado no processo. Não responde mais por isso. O pessoal aproveita a questão de imóveis: “Olha, comprou 12 imóveis”. Não sei quanto você ganha

por mês, mas você poderia comprar doze imóveis ganhando pouco porque é muito pouca entrada para aquilo. O pessoal compra na planta, é um risco. Em vez de arriscar em fundos, seja lá o que for, arriscou ali e, depois, vendeu. Agora, eu também não tenho nada a ver com o filho, ele cuida da vida dele.

Como vai tratar a questão feminina? A repercussão de tudo o que o senhor fala é misoginia.

Que eu não gosto de mulher, né? Então, eu gosto de homem, descobri aqui. Olha só, eu demonstro com números. Já sancionamos mais de 70 leis em defesa da mulher. Ninguém fez isso. Acabei de sancionar uma nova lei sobre laqueadura. Ela tinha 25 anos, passou para 21, e a mulher casada não tem de pedir autorização para o marido para fazer essa laqueadura. E pode ser feito imediatamente. É um tremendo avanço. Quando você fala do Auxílio Brasil, são 20 milhões de pessoas, e 80% são mulheres. Quando você faz uma titulação da terra do campo, são 400 mil títulos, 80% mulheres. Por que mulher? Ouvi a Tereza Cristina. Uma coisa óbvia que ela falou para mim: “Presidente, o homem, quando pega o título, acaba fazendo negócio, separando da mulher, e a família fica abandonada”. A mulher é diferente, aquilo vai ficar com ela a vida toda. Quer mais vantagem do que isso? Nós endurecemos, e muito, a pena para agressores também. Fizemos um cadastro dos estupradores do Brasil. Temos um cadastro, que é reservado. Então, se tiver um estupro na região desse cara aqui, ele passa a ser um suspeito. O feminicídio diminuiu no Brasil.

Vem algum projeto a mais para as mulheres?

Posso adiantar. Anderson Torres, ministro da Justiça, faz operação coordenada com os estados. Até o momento, por exemplo, atendemos 316 mil vítimas, mulheres com problemas. Quinze mil denúncias apuradas. O pessoal achou que eu briguei com os homens. Foi o governo que mais prendeu machões no Brasil. Agora, o que eu sinto na rua com as mulheres é completamente diferente. Elas gostam de mim, e eu gosto delas. Nós nos damos muito bem. Fica uma narrativa: “Ele não gosta de mulher, ele é grosso”. Olha, realmente eu sou um pouco grosso, não vou negar, mas sou uma pessoa que fala a verdade. Muita gente no Brasil estava acostumado a ouvir mentirinhas bastante amenas e a ser enganado a vida toda. Mudou com a gente. Ou acha que, quando eu pego certos dados, certas denúncias, não fico indignado e falo palavrão? Falo, e vamos atrás buscar a solução para aquilo.

É um governo que deu certo?

Sou suspeito para falar de

mim, mas os números da economia estão aí. O número de mulheres empregadas tem aumentado proporcionalmente também. Passamos a 100 milhões o número de pessoas empregadas no Brasil. Mulher está chegando aí quase à metade. Ou seja, cada vez mais a mulher está tendo o seu espaço. Como a mulher está tendo seu espaço? Nós estamos desburocratizando, desregulamentando. Somos o sétimo país mais digital do mundo. No final do governo Lula, levava três, quatro meses para abrir uma empresa. Tem empresa que você abre em poucas horas. Em média, em um dia só abre sua empresa. É o governo que mudou. Você pega a mulher idosa, por exemplo, que tinha que fazer a prova de vida para ganhar sua pensão. Hoje em dia, ela tem várias maneiras dentro de casa de fazer essa prova de vida. Ou seja, é um governo que tem um trabalho para todo mundo, e no meio está a mulher.

Há perspectiva de queda no preço da gasolina com sua eventual reeleição?

Os combustíveis influenciam diretamente na inflação. De tudo. O preço do combustível subiu assustadoramente no mundo todo. No Brasil, não foi diferente. Para resumir tudo aquilo, falei com o Arthur Lira, que resolveu botar um projeto em pauta limitando o teto do ICMS para o imposto estadual dos combustíveis, e limitou-se em 17%. Tinha estado que cobrava 35% de ICMS. Então, esse estado cobrava, por litro de gasolina, em média, R\$ 2,30. Passou para metade disso. Paralelamente, tínhamos o imposto federal PIS/Cofins, que era R\$ 0,69 da gasolina e R\$ 0,10 da Cide. Nós zeramos isso, e vai ser mantido no ano que vem. No momento, o diesel está bastante caro ainda. Por que está caro? Porque, lá atrás, o seu Lula começou a fazer três refinarias do Brasil, não concluiu nenhuma e enterrou quase R\$ 100 bilhões. E somos obrigados a comprar diesel a preço de mercado.

O que pode fazer em relação à suspensão do piso da enfermagem, determinada pelo ministro Luís Barroso, do STF?

Você deve saber como funciona o Supremo Tribunal Federal. Como é a ação desse ministro do Supremo Tribunal Federal. O Congresso aprovou, e eu sancionei. De forma monocrática, ele, sozinho, falou: “Não, R\$ 4.600 é uma fortuna, não admito isso, vamos ter de ouvir a iniciativa privada”. Bem, pelo que eu sei, deve ser aberto hoje pelo plenário virtual. Então, o Barroso vota aí para decidir se vai ser mantida a liminar dele, ou não. Particularmente, se pudesse fazer, faria pelo decreto das armas, que o senhor Fachin resolveu, de forma monocrática também,

tornar sem efeito. Prefiro não ir além disso, para não falar que eu estou atacando o Supremo Tribunal Federal. Agora, as medidas monocráticas que, eu acho, não tenho certeza, que a questão do piso da enfermagem foi aprovada por unanimidade na Câmara e no Senado. E nós sancionamos. Ou seja, uma pessoa, que foi escolhida por Dilma Rousseff para ser ministro do Supremo, contraria uma unanimidade — 594 parlamentares e um presidente —, ao meu entender, por um capricho pessoal dele. Ele não devia se meter nessas coisas. No meu entender, não é a ação dele. Não é isso. Não tem nada de inconstitucional nisso aí. O Supremo deve decidir as questões voltadas para a Constituição.

O Supremo é provocado. Se ele não tomar alguma decisão, alguém vai lá reclamar.

Não é porque alguém me provoca, ou provoca você, que você tem de atender essa pessoa. Sempre o Barroso, o Fachin e também o nosso queridíssimo, aí, que sabe que eu gosto muito dele, o nosso Alexandre de Moraes. Ele, em uma canetada, basicamente tornou sem efeito o nosso decreto em que estávamos baixando o IPI. E a competência privativa minha, ele dá uma canetada e fala: “Não, para esse tipo de produto aqui, não vale a redução de imposto”. Nós temos esse problema. Acho — não sei o que o povo acha — que tem três ou quatro ali que extrapolam. Essa questão da enfermagem, se eu não me engano, o teto é R\$ 4.600. Não é uma fortuna, meu Deus do céu. São pessoas que se arriscaram durante a pandemia, atenderam nossos parentes e atenderam amigos no hospital com um vírus que ninguém conhecia. E acusaram de ser uma proposta eleitoral minha. A iniciativa não foi minha, foi do Parlamento. E eu, simplesmente, tinha o poder da caneta Bic, e sancionei o projeto. Repito: não podemos ter medidas monocráticas por parte de ministros, a não ser em uma extrema relevância e urgência.

Se reeleito, como ficará a sua relação com o Supremo? O que pode fazer para tirar essa tensão?

Não sou eu que provoco. Estou quieto. Por que você acha que eu não escolho um diretor-geral da Polícia Federal, e vai o ministro dar uma canetada e ele é amigo dele? Foi o Alexandre de Moraes. O Alexandre de Moraes era amigo do Temer. Como é que ele foi indicado para o Supremo, se eu não posso? Inclusive, o (Alexandre) Ramagem, que é candidato a deputado federal no Rio de Janeiro, ele não era amigo meu. Ele foi trabalhar comigo depois que eu ganhei as eleições. E foi trabalhar escolhido pela direção da Polícia Federal, que queria

uma pessoa competente — assim como quase todos os delegados são competentes — para trabalhar comigo. E ficou, naquele final de outubro até eu assumir, e depois, teve a sua função na PF, quando apareceu a chance com a saída do (Maurício) Valeixo e do (Sergio) Moro, eu o indiquei. E Alexandre de Moraes falou: “Ele é amigo da família Bolsonaro, não pode ser diretor-geral da polícia”. Olha, senhor Alexandre Moraes, o senhor é amigo do Temer. Tanto é que foi indicado para ser ministro do Supremo Tribunal Federal. Você vê que tem uma certa politização dentro do Supremo. Tem gente que tem alguma bronca ideológica comigo, e eu me dou bem com todo mundo. Não tenho briga aqui. A briga é pontual com algumas pessoas dentro do Parlamento. Mas ali eu sempre tive uma convivência pacífica. Espero que a agora mude, com a saída do (Luiz) Fux, se bem que o Fux não tem nada a ver com isso. A Rosa Weber, vamos ver qual vai ser a postura dela, em especial nessas questões monocráticas. Quem decide é o Supremo, sem problema nenhum. Mesmo que eu não goste. Agora, a tensão não parte de mim.

O senhor vai à ONU em 19 de setembro. Que mensagem levará ao mundo neste fim de primeiro mandato?

Muito parecida com as atualizações de 2019, que eu fui muito bem, até porque grande parte da imprensa criticou. Falamos a verdade. O que são reservas indígenas, a questão ambiental e como está o Brasil. Tenho a coluna vertebral desse pronunciamento, muito voltado para nós aqui dentro. Sobre pressões ambientais, diminuiriam por quê? A Europa está complicada. Há mais de 40 dias a França arde em chamas. Por que o senhor Macron não apaga o fogo? E olha que a França representa uma parte muito pequena em relação à nossa Amazônia. Não conseguiu conter o incêndio em Notre Dame, em um quarteirão, e fica dando palpite na nossa questão aqui. Espero que o Macron consiga apagar o fogo lá do seu país. Pretendo tocar na questão ambiental, mas de uma forma positiva para o Brasil.

Outros temas serão abordados?

Vou falar também que somos contra a liberação de drogas, que só uma mulher que tem um filho no mundo das drogas sabe o que é esse sofrimento; vou falar que defendemos a vida desde a sua concepção, que o maior patrimônio de qualquer pessoa, não interessa o poder aquisitivo, a cor da sua pele, o que ela faça na vida, o maior patrimônio são os nossos filhos; e não aceitamos a ideologia de gênero. Não posso admitir que a minha filha de 11 anos, por exemplo, que está aqui no colégio em Brasília, vai ao banheiro e tem um moleque de 15 anos lá fazendo xixi do lado dela. Não posso admitir isso. O meu patrimônio é a minha filha. Nenhum pai admite isso. Nem que seu filho faça isso com a menina do lado. Temos de combater essas práticas, que só levam à destruição da família. E um país sem família estruturada é um país fadado ao fracasso.

Quais são as suas considerações finais?

Obrigado a Deus pela minha segunda vida. E pela missão de comandar esta grande nação. Creio que foi um milagre a minha eleição. Não tinha nada. Era um deputado que discursava com o plenário vazio. Sou um cidadão, erro, falo palavrão, mas não sou ladrão, não engano, não tem palavras difíceis. Busco a reeleição? Sim. Peço quem está me assistindo, se achar que eu mereço, vota 22 lá, e vamos em frente. Se achar que o outro lado merece, você decide. Agora, o que nós vimos pelo Brasil, aqui em Brasília, na Esplanada; em São Paulo, na Paulista; em Copacabana, no Rio de Janeiro. Acho que está decidida a eleição no primeiro turno. Não tem explicação para o outro lado ganhar. Não foi apenas aqui, foi no Brasil todo.